

INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

¹*Alice M. Ribeiro, Cynthia Fernandes, Regina C. Mota, Vanessa M. Rodrigues,*
²*Profª. Msc. Maria Angélica Gomes Maia*

¹Universidade do Vale do Paraíba/, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181- Jardim Aquarius - CEP: 12246-080 - São José dos Campos - SP

²Profª. Msc. Maria Angélica Gomes Maia, Orientadora.

Resumo: Este artigo se propõe discutir, refletir acerca das práticas de Alfabetização e Letramento e como estes são utilizados como direcionadores das práticas pedagógicas em busca da qualidade do ensino praticadas na rede municipal e filantrópica, de ensino de São José dos Campos. O trabalho foi desenvolvido no módulo Alfabetização e Letramento, no 3º período do curso de Pedagogia (2008), da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), a partir dos estudos teóricos de Ferreiro (1984), Soares (2004), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) considerados como referências para o trabalho de alfabetização no ensino fundamental. A análise foi realizada a partir de um “kit” contendo materiais para leitura e escrita (portadores textuais diversos como: jornal, panfletos, contos, livros, revistas, listas, catálogos, fichas contendo situações para escrita e leitura), e observação direta da dinâmica curricular, buscando identificar os níveis da escrita onde se encontram os alunos pesquisados, relacionando o papel da escola e fazendo um contraponto entre os estudos teóricos e o contexto atual. Os resultados apontaram que nem todas as crianças conseguem atingir os níveis desejáveis da alfabetização ao final do ensino fundamental, em função às vezes de práticas pedagógicas que necessitam ser reformuladas e que algumas crianças que por razões diversas não freqüentaram a Educação Infantil.

Palavras-chave: Currículo, aquisição da lectoescrita, letramento, estratégias didáticas.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

1. INTRODUÇÃO

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar, no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. Aponta a necessidade da reestruturação do ensino, com objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.

As atividades avaliativas propostas apresentam boa ênfase à educação e contribui para a sua qualidade, em nível municipal e filantrópico. No entanto, os resultados destes instrumentos, ainda têm sido apenas para classificar os alunos quanto aos seus respectivos níveis de alfabetização.

As atividades avaliativas permitem comparar resultados e acabam que por construir outro.

Na presente pesquisas para o embasamento teórico foram tidas como referencia Ferreiro (1984), Soares (2004), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), entre outros de igual importância e relevância para a educação, que vão nos fornecer elementos e subsídios para o objetivo desta pesquisa.

As crianças que foram objetos desta pesquisa, são todas da mesma faixa etária, do 1º ano do Ensino Fundamental. Examina-se assim, o fator determinante de cada caso, que leva tais crianças, estarem em momentos diferentes em relação as hipóteses de escrita.

Sendo assim, este artigo se propõe a discutir e refletir sobre a evolução da escrita e como objetivo, tentar uma explicação dos processos e das formas mediante as quais a criança conseguem aprender a ler e a escrever.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Soares (2004, p. 23) Letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita .

Surge, então, um novo sentido para o adjetivo letrado, que significava apenas “que, ou o que é

versado em letras ou literatura; literato”, e que agora passa a caracterizar o indivíduo que domina a leitura, ou seja, que não só sabe ler e escrever (atributo daquele que é alfabetizado), mas também faz uso competente e freqüente da leitura e da escrita. Fala-se no letramento como ampliação do sentido de alfabetização.

O nível de letramento é determinado pela variedade de gêneros de textos escritos que a criança ou adulto reconhece e participa nos diversos contextos sociais que freqüenta. Segundo essa corrente, a criança que vive em um ambiente em que se lêem livros, jornais, revistas, bulas de remédios, receitas culinárias e outros tipos de literatura (ou em que se conversa sobre o que se leu, em que uns lêem para os outros em voz alta, lêem para a criança enriquecendo com gestos e ilustrações), o nível de letramento será superior ao de uma criança cujos pais não são alfabetizados, nem outras pessoas de seu convívio cotidiano lhe favoreçam este contato com o mundo letrado.

Estudiosos afirmam que são muitos os fatores que interferem na aprendizagem da língua escrita, porém estudos recentes incluem entre estes fatores o nível de letramento. Freire afirma que "na verdade, o domínio sobre os signos lingüísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo, que aqui chamamos de letramento.

Uma das discussões mais freqüentes atualmente na área de educação engloba os PCN (1997) e seu reflexo no ensino. No que se refere a língua portuguesa, os PCN vêm apresentar propostas de trabalho que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua e que mostram as variedades e pluralidade de uso inerente a qualquer idioma.

Entretanto, apesar de algumas idéias que aparecem nos PCN não serem novas – pelo contrário, são objetos de debate há décadas, como é o caso, por exemplo, dos pressupostos da Lingüística Textual –, a reação dos profissionais de educação diante desse material não tem sido das melhores. As críticas, por vezes fundamentadas, abarcam desde o caráter dos parâmetros, consideradas por alguns como impositivo e fora da realidade brasileira, até as teorias lingüísticas e pedagógicas que norteiam o texto. Nem sempre, porém, os críticos se voltam para o texto dos PCN com o olhar de quem conhece a realidade da sala de aula e as necessidades dos alunos. É nesse aspecto que os PCN mais podem colaborar na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Os processos que envolvem a aprendizagem da leitura e da escrita é o tema discutido por Ferreira, Emilia e Teberosky, Ana em “Psicogênese da Língua Escrita” (1984). A obra traz uma análise dos métodos de aquisição da leitura e escrita por parte das crianças em detrimento do já conhecido pelas mesmas, levando-se em conta o contato anterior com sua língua materna. Calcadas por um problemática de fundo, as autoras trazem dados da Unesco sobre alfabetização no mundo, referentes ao ano de 1974, dentre os quais destacamos o fato de dois terços do total de alunos repetentes estarem nos primeiros anos de escolaridade, dentre outros dados. O texto traz também, antes de sua real discussão, um enfoque sobre polêmicas referentes ao fracasso escolar de alguns alunos, questionando, neste ponto, o fato disto acontecer principalmente com indivíduos de classe econômica desprivilegiada, desmistificando questões até então tratadas como vilãs causadoras da desnutrição que permeia a América Latina. Este tratamento social inicial é fundamental para o entendimento da proposta feita pelas autoras, pois começa a derrubar o papel passivo da criança no processo de lectoescrita. Questiona-se em um dado momento, métodos utilizados por alfabetizadores que trabalham de forma diferenciada. São apresentados os métodos sintéticos, processo que sai das partes para o todo das palavras e no quais as mesmas são inicialmente tratadas de forma mecânica; e também os métodos analíticos, que contrariamente sugere uma primeira visão global das palavras e só em seguida um detalhamento.

Merece aqui um parecer importante, a ênfase dada a Piaget, que vem calçar a idéia das autoras, uma distinção entre competência e desempenho, características tais até então homogeneizadas pela ignorância que despreza o “saber lingüístico da criança”.

Contudo, podemos firmar que os autores supracitados, têm seus ensaios, correlacionados em seus embasamentos, de forma que englobam uma aliança de complementos um ao outro. A partir deste cenário é que acreditamos que a escola ainda tem um longo percurso em relação a sua práticas pedagógicas, principalmente para os alunos pertencentes as camadas populares, onde nem sempre o acesso ao universo letrado, a inserção com portadores textuais diversificados são presentes nos momentos iniciais da sua alfabetização.

3. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi realizada em duas escolas sendo uma da Rede Municipal de Ensino e a outra Filantrópica de São José dos Campos/SP. Sendo localizado na Zona Norte da cidade, cuja

comunidade escolar é bem diversificada, atendendo desde crianças de baixa renda até crianças de classe média, perfazendo, aproximadamente, 550 alunos em seu total.

A coleta de dados realizou-se por meio de observação direta durante o período de aula, somado a pesquisa realizada com 8 alunos que atuam na 1ª ano do ensino fundamental, para as quais foi utilizado uma atividade avaliativa – estruturado, sendo o foco da atividade: verificar em que nível da leitura e da escrita este aluno encontra-se, o que tornou-se um material da pesquisa contendo um “kit” (portadores textuais diversos como: jornal, panfletos, contas, livros, revistas, listas, catálogos, fichas contendo situações para escrita e leitura),

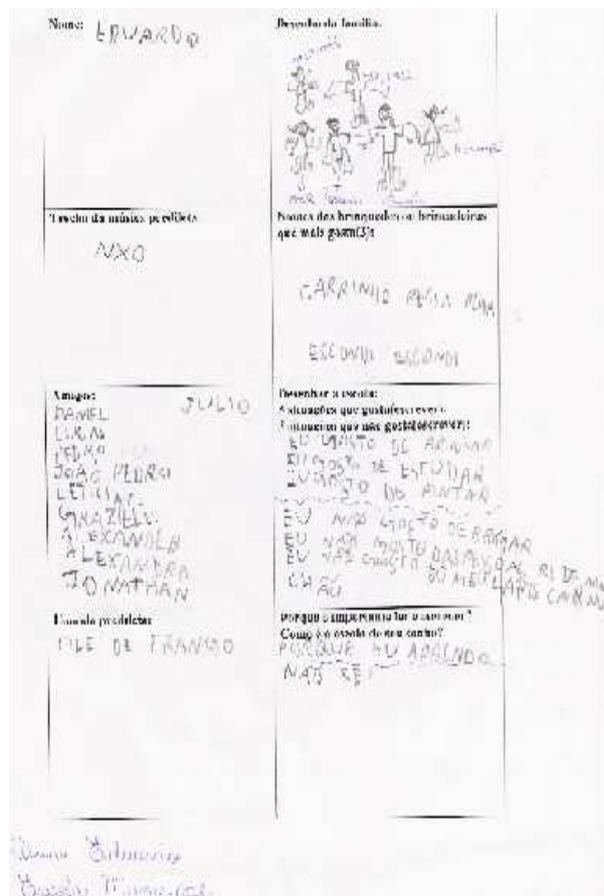
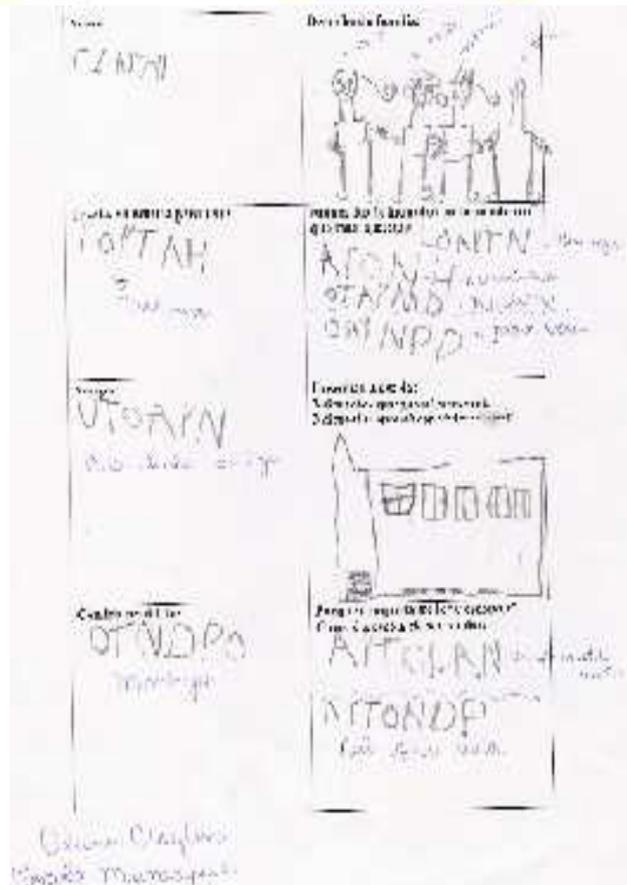
4. RESULTADOS

Dentre as oito crianças que foram objetos de pesquisa, podemos afirmar que os diferentes estágios que se encontram em hipóteses da escrita, retomando que ambas encontram-se na mesma faixa etária escolar do primeiro ano do ensino fundamental, deve-se ao fato de algumas já estarem inseridas no mundo letrado, e outras não terem tido acesso à Educação Infantil, poucos materiais gráficos em seu contexto familiar, pais com baixo grau de alfabetização, e que em função desta privação pouco estímulo e incentivo dão aos filhos nesta etapa tão importante da escolarização. Percebemos também que quando o educador tem conhecimento sobre as fases da escrita e considera as hipóteses das crianças isto facilita a sua metodologia e compreensão do processo de aprendizado do aluno.

Podemos observar também nos questionários designados aos alunos que algumas crianças não deram respostas satisfatórias e eficazes. E observa-se dentre as oito crianças, algumas não quiseram-se se expor ao mostrar suas opiniões pessoais e também, algumas tiveram resistência e desconfiança em mostrar sua escrita.

A tabela a seguir corresponde aos dados estatísticos de compreensão e assimilação que as crianças têm com diferentes tipos de textos.

Portador Textual	SIM	NÃO
Catálogo	04	04
Revista	05	03
Livros	08	00
Lista Compras	03	05
Conta	03	05
Texto Não Verbal	08	00



7. REFERÊNCIAS

5. DISCUSSÃO

Considerando importantes as atividades avaliativas para medir o desenvolvimento do aluno, podemos constatar que temos crianças que não obtiveram ainda este suposto preparo para a iniciar seu processo de alfabetização mais sistemático. Em contraponto, os vários níveis na aquisição da lectoescrita ultrapassam apenas fatores de desigualdade social, uma vez que no ano de 2008, a legislação do Ministério da Educação, permite que crianças de idade seis anos devam estar regularmente matriculadas no 1º ano do ensino fundamental, sendo assim, muitas delas não terem participado de nenhuma escolarização anterior que desse um conhecimento prévio necessário para uma classe de alfabetização, encontrando assim os docentes uma sala heterogênea, com crianças com diferentes níveis de lectoescrita.

Desta forma percebemos que para obtermos sucesso na alfabetização e contribuir na erradicação do analfabetismo que é um fantasma que assola o cenário educacional brasileiro, precisamos propiciar metas de capacitação contínua dos docentes e também maior participação das camadas populares ao universo letrado. Ainda temos crianças sem acesso a creche e pré-escola, o que no contexto educacional atual é um fator de desvantagem.

6. CONCLUSÃO

Com base nas atividades avaliativas, e observação realizada com as crianças de igual faixa etária, regularmente matriculadas no 1º ano do ensino fundamental, pode-se concluir que há uma grande diferenciação entre os estágios de hipóteses de escrita que se encontram nas classes, tornando assim, as salas de aulas mistas e exigindo dos educadores atividades com diferentes designações para os alunos, assim como também, uma separação de conteúdos que se diferem ao PCN.

Sabemos porém que o processo de alfabetização não tem um padrão que deve ser realizado com todas as crianças, pois cada uma delas têm suas limitações e necessidades específicas, porém os dados obtidos neste trabalho realizado mostram que as dificuldades encontradas neste seguimento, vão além de apenas desigualdade social, estímulos dados aos educandos e recursos didáticos, mas sim, apontam que a não integração de uma criança em uma escolarização antecedente ao primeiro ano escolar, pode ser também, um grande problema a ser repensado.

- SOARES, Magda. Letramento – Um Tema em Três Gêneros – Ed. 2º. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) LÍNGUA PORTUGUESA VOL.2. Brasília:Ministério da Fazenda e do Desporto, 1997.

- COLL,C.Aprendizagem escolar e construção do conhecimento.Porto Alegre: Artes Médicas , 1994.

- DANIELS,H.Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos. São Paulo: Papirus, 1994.

- FOUCAMBERT,J. Por uma política de leiturização...De a 12 anos. L`école liberatrice,1992.

- KLEIMAN,A.B. Texto e Leitor. Campinas: Fontes/Unicamp,1989

- FREIREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita Ciclos. São Paulo: ArtMed, 1984.

- FREIRE, P. A pedagogia do oprimido.Rio de Janeiro: Paz e Terra,1978